



revista cristã
última chamada

O Inferno Explicado?

A palavra "inferno" e
a frase "tormento eterno"
não são bíblicas?

César Francisco Raymundo

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

O Inferno Explicado?

A palavra "inferno" e
a frase "tormento eterno"
não são bíblicas?

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

O Inferno Explicado?

*A palavra "inferno" e
a frase "tormento eterno"
não são bíblicas?*

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem de David Garry por Pixabay.com)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Outubro de 2025

Índice

Sobre o autor	07
Apresentação	08
1. “Inferno” não é palavra bíblica — e “tortimento eterno” menos ainda?	10
2. O Antigo Testamento não ensina tortura pós-morte?	15
3. No Novo Testamento, Jesus e os apóstolos falam de morte e destruição, não de tortura interminável?	23
4. O que é Geena de fato?	30
5. “Choro e ranger de dentes”, “fumaça para sempre”, “fogo eterno”: leia como os profetas	33
6. E o rico e Lázaro?	40
7. “Aionios” (eterno): a pedra no sapato?	44
8. A cultura que te enganou? Sobre Dante ser profeta	51
9. O retrato bíblico coerente sobre Deus e o Juízo	54
Conclusão — dureza necessária	56
Obras importantes para pesquisa...	59

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a teoria da Escatologia Concreta, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o Conceito de História Interrompida que pode ser encontrado em seu e-book intitulado "História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo".

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro Comentário Preterista sobre o Apocalipse, além de ser autor do primeiro Dicionário de Escatologia do Preterismo e da primeira Bíblia de Estudo Preterista Parcial do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

- Apresentação –

Este e-book é uma resposta ao livro digital intitulado “Explicando o Inferno”,¹ escrito por Evandro Moretti — escritor, psicanalista, pregador do evangelho e produtor de conteúdo digital nas plataformas YouTube e TikTok.

Em sua obra de apenas onze páginas, Moretti tenta refutar a doutrina do Inferno de duração eterna. É um fato que, atualmente, têm surgido muitas tentativas de negar ou minimizar a doutrina bíblica do Inferno, afirmando que ele não existe ou que, se existir, será de curta duração — portanto, não eterno.

Diante disso, este e-book tem como objetivo defender a Fé Cristã contra argumentos que, à primeira vista, podem parecer convincentes, sensatos e até cheios de sabedoria. No entanto, são ideias antigas, já refutadas ao longo da história da Igreja. Como disse o sábio rei Salomão: “Não há nada novo debaixo do sol” (Eclesiastes 1:9).

Neste material, irei responder ponto por ponto ao texto de Moretti.

Meu desejo é que o leitor compreenda a seriedade da doutrina do Inferno, que jamais deve ser tratada como um “bom negócio”. Tenho insistido nesse ponto: infelizmente, muitos têm transformado o ensino sobre o Inferno em algo “lucrativo” — ao suavizá-lo, dizendo

¹ Explicando o Inferno. Evandro Moretti.

que ele não é tão terrível ou que sua duração não é eterna, acabam por amenizar os efeitos reais e traumáticos do castigo eterno, conforme revelado nas Escrituras.

- 1 -

“Inferno” não é palavra bíblica — e “tormento eterno” menos ainda?

Preciso fazer um esclarecimento importante: sou contrário ao uso do termo "inferno" — embora, por razões práticas e de compreensão comum, eu seja frequentemente obrigado a utilizá-lo. A palavra "inferno" tem origem no latim e significa literalmente "lugar inferior". Assim como o termo "Lúcifer" foi inserido em algumas traduções como uma interpolação latina do texto hebraico, o uso de "inferno" segue o mesmo caminho: trata-se de uma construção linguística posterior, que não aparece nas línguas originais da Bíblia.

Portanto, em vez de recorrermos ao termo genérico "inferno", o mais adequado seria utilizar as expressões bíblicas específicas como Sheol, Hades, Geena, Tártaro, lago de fogo, segunda morte, perdição, entre outras. Cada uma dessas palavras carrega significados distintos e contextuais, e sua correta compreensão é essencial para uma teologia bíblica sólida.

É lamentável que trocamos o nome da doutrina correta — a doutrina do castigo eterno — pelo nome (equivocado) da prisão onde o castigo é aplicado. Precisamos nos concentrar na compreensão correta da doutrina, a fim de evitar a perpetuação de conceitos distorcidos sobre o tema.

A frase de Moretti, ao afirmar que “inferno” não é palavra bíblica — e “tormento eterno” menos ainda”,² soa como se dissesse: “não existe esse negócio de inferno com tormento eterno”. No entanto, embora o termo “inferno” realmente não seja o mais preciso do ponto de vista das línguas originais, ele ainda carrega a ideia — já estabelecida na teologia cristã — de um lugar de sofrimento após a ressurreição.

Quanto à expressão “tormento eterno”, esta possui, sim, base bíblica. Em Apocalipse, está escrito que “a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre, e não têm descanso nem de dia nem de noite” (Apocalipse 14:11) — o que claramente aponta para a noção de um castigo consciente e eterno.

Moretti diz:

“1) Comece pelo óbvio: não existe “inferno” no hebraico ou no grego

A Bíblia foi escrita, majoritariamente, em hebraico (AT) e grego koiné (NT).

“Inferno” é palavra latina (*infernus/infernum*) popularizada na Vulgata e depois na cultura medieval (e no imaginário popular). Tradutores em português herdaram esse termo para três (às vezes quatro) palavras distintas das línguas bíblicas. Misturar tudo sob “inferno” é erro teológico e desonestidade exegetica”.³

É nesse ponto que me solidarizo com os tradutores da Bíblia — tantas vezes injustamente criticados pelos “especialistas” de internet em hebraico e grego. Nunca se viu tanta desconfiança e reclamação em relação às traduções, como se os tradutores fossem malandros ou desonestos. Essa é exatamente a acusação que Moretti faz ao dizer

² Idem nº 1, pg. 1.

³ Idem nº 1, pg. 1.

que os tradutores cometeram um “erro teológico e desonestidade exegética”.

O mesmo tipo de acusação é feito pelos heréticos preteristas completos, que afirmam que “as traduções inglesas da Bíblia (assim como as portuguesas) encobrem essa iminência [da palavra grega *mellō*] em conjunto com eventos escatológicos”. Ver artigo sobre a palavra grega *mello* no endereço do rodapé desta página.⁴

É típico daqueles que desejam negar doutrinas centrais da Fé Cristã rotular com desprezo os tradutores — homens e mulheres que têm prestado um serviço notável à Igreja, com dedicação, reverência e profundo conhecimento.

Hades e Sheol

A palavra Hades vem do grego Ἅιδης (ou Ἀΐδης), transliterada como Haides ou Hades, e significa literalmente "mundo dos mortos" ou "lugar invisível". Uma tradução mais acessível hoje seria "o Além".

Embora o termo possa, em alguns contextos, ser associado à ideia de sepultura ou túmulo, seu significado principal está mais relacionado à existência após a morte — ou seja, ao estado ou local onde os mortos se encontram além do túmulo. Isso porque tanto o hebraico quanto o grego possuem palavras mais específicas e diretas para "sepultura" física.

No grego koiné, a palavra mais apropriada para se referir à sepultura física, ou seja, ao túmulo onde o corpo é depositado após a morte, não é "Hades", mas sim "μνημεῖον" (*mnēmeion*). Esse termo

⁴ O mau uso da palavra grega "mello" por parte do Preterismo Completo. Por César Francisco Raymundo. Site: https://www.revistacrista.org/Preterismo_o_mau_uso_da_palavra_grega_mello.html Acessado dia 22/09/2025

significa literalmente túmulo, sepultura ou até memorial, e aparece com frequência no Novo Testamento, especialmente nos evangelhos, para descrever o local onde Jesus foi sepultado. Por exemplo, em João 20:1, lemos que “Maria Madalena foi ao sepulcro (mnēmeion) de madrugada”, e em Mateus 27:60, José de Arimateia coloca o corpo de Jesus “em seu próprio túmulo novo (mnēmeion)”.

Além de mnēmeion, há também o termo "τάφος" (taphos), que possui o mesmo significado de sepultura ou túmulo, embora seja mais comum na literatura grega clássica do que no Novo Testamento. Curiosamente, dessa raiz vem a palavra moderna "epitáfio" — aquilo que se escreve sobre um túmulo.

Outro termo relevante é "κοιμητήριον" (koimētērion), que significa literalmente "lugar de dormir". Esse termo foi adotado posteriormente pelos cristãos para se referirem aos cemitérios, partindo da ideia cristã de que a morte é um "sono temporário" até a ressurreição. Daí vem a nossa palavra moderna "cemitério", com essa conotação mais suave e esperançosa.

Em contraste com essas palavras que designam túmulos físicos, "Hades" (ᾍδης) refere-se ao mundo invisível dos mortos, ou o além-túmulo — uma realidade espiritual. Embora em algumas passagens possa ser confundido com “sepultura”, seu uso principal está ligado à existência consciente após a morte, como vemos em Lucas 16:23, onde o rico é descrito em tormento no Hades.

Portanto, no grego do Novo Testamento, fica clara a distinção entre os termos. Hades se refere ao destino dos mortos em termos espirituais, enquanto mnēmeion, taphos e koimētērion falam da sepultura física, o local onde o corpo é depositado. Compreender essa diferença é fundamental para interpretar corretamente os textos bíblicos relacionados à morte e ao além.

No hebraico bíblico, Sheol (שְׁאוֹל) refere-se ao lugar dos mortos, um estado invisível e sombrio para onde vão tanto justos quanto ímpios após a morte. Não se trata de um túmulo físico, mas de uma condição espiritual além da vida. Já a sepultura literal é expressa por outras palavras, como qeber (קָבַר), que significa túmulo ou cova, e qevurah (הַקְבֻרָה), que se refere ao ato de sepultar. Há também shachat (שָׁחַת), usada poeticamente como "cova" ou "destruição". Enquanto Sheol lida com a existência pós-morte em termos espirituais, os outros termos descrevem o local físico onde o corpo é enterrado.

Podemos, então, afirmar que, na morte, tanto justos quanto injustos vão para o Hades/Sheol, ou, como se costuma dizer hoje, para o Além. No entanto, cada um segue em condição distinta: os ímpios aguardam a ressurreição para o juízo, enquanto os santos esperam a ressurreição para a vida.

Portanto, os significados das palavras Sheol e Hades não anulam a realidade do Inferno como lugar de tormento. Pelo contrário, ao considerarmos Lucas 16:23, onde é dito que “o rico estava no Hades, sendo atormentado”, percebemos que a ideia de sofrimento consciente após a morte está presente no Além-túmulo (ou no Estado Intermediário como muitos ensinam). O texto reforça que há, de fato, um juízo com tormento reservado para os ímpios depois da morte.

Moretti afirmou que reunir os termos Sheol, Hades, Geena e Tártaro sob o rótulo de "inferno" é, segundo ele, “confundir categorias e forçar doutrina”.⁵ Vimos até agora que não é bem assim. Veremos mais no uso da palavra grega Geena mais á frente.

⁵ Idem nº 1, pg. 2.

- 2 -

O Antigo Testamento não ensina tortura pós-morte?

Moretti continua seu texto dizendo que “o Antigo Testamento não ensina tortura pós-morte”,⁶ não levando em conta a revelação progressiva das Escrituras Sagradas, pois praticamente todas as doutrinas bíblicas foram assim reveladas. Isto é fundamental para entendermos a história da salvação e o desenvolvimento da Revelação de Deus. Desde o Antigo até o Novo Testamento, observamos um progresso gradual na compreensão sobre Deus, a humanidade e o plano de redenção. Doutrinas como a Trindade, o Inferno, o Céu, entre outras — todas foram reveladas ao longo do tempo de forma progressiva. Desde o início das Escrituras, nenhuma doutrina estava completamente formada ou compreendida — mesmo sobre a vida eterna. Sobre a vida futura, só para citar o exemplo do período da Lei mosaica, embora essa era se caracterize inteiramente por recompensas e punições de natureza terrena, não há qualquer menção ao tormento eterno, como também os escritos mosaicos não apresentam um ensinamento claro sobre a vida futura dos justos.

Para provar que o Antigo Testamento não ensina tortura pós-morte, Moretti diz o seguinte:

⁶ Idem nº 1, pg. 2.

“**Sheol** descreve a morte, não câmara de tortura: “os mortos nada sabem” (Ec 9:5,10); no Sheol não há louvor (Sl 6:5; 115:17)”.⁷

Todos os que defendem a inconsciência dos mortos utilizam Eclesiastes 9:5 para estabelecer seus argumentos. Mas o versículo em questão prova o contrário quando afirma que os mortos não terão mais “recompensa” ou “salário”. A palavra hebraica שֶׂכֶר sâkâr (saw-kawr) significa “soldo, salário, recompensa, pagamento, preço, taxa, pedágio”.⁸ Se o salário em questão for algo para depois da morte, então podemos argumentar que a Bíblia apresenta uma contradição ao afirmar que justos e injustos serão recompensados. Vários versículos falam sobre recompensas e juízo com base nas ações das pessoas (Apocalipse 20:12; Romanos 2:6-8; 2ª Coríntios 5:10; Gálatas 6:7-8).

Caso o “salário” ou “recompensa” mencionado em Eclesiastes 9:5 diga a respeito de uma condição que o falecido deixou para trás após a morte, então as demais afirmações do versículo — como o fato de os mortos não terem consciência, de suas memórias serem esquecidas e de que sentimentos como amor, ódio e inveja cessaram — também devem ser entendidas como referências àquilo que foi deixado para trás neste mundo. Ou seja, não há qualquer experiência neste plano que os mortos estejam vivenciando, pois agora pertencem a outra realidade. O próprio versículo é enfático ao indicar que tudo o que se encerra diz respeito ao que ocorre “debaixo do sol”.

Os textos de Salmo 6:5 — “quem morreu não se lembra de ti. Entre os mortos, quem te louvará?” — e de Salmo 115:17 — “os mortos não louvam o Senhor, tampouco nenhum dos que descem ao silêncio” — não devem ser entendidos como descrições da condição

⁷ Idem nº 1, pg. 3.

⁸ Bíblia Interlinear Nepe Brasil. Site:

<https://search.nepebrasil.org/interlinear/?livro=21&chapter=9&verse=5#strongH7939>
Acessado dia 26/09/2025

da alma no Além, mas sim como uma referência à incapacidade do corpo físico, uma vez morto, de continuar louvando a Deus ou proclamando Seu nome. A ênfase está na realidade terrena: os que morreram não participam mais da adoração neste mundo, pois seus corpos jazem em silêncio, sem voz ou memória ativa. Esses versículos, portanto, não negam a existência de uma vida após a morte, mas destacam a interrupção da adoração pública e consciente no plano terreno.

Moretti continua seu argumento contra a existência do Inferno dizendo que o “Juízo de Deus no AT é, via de regra, morte, consumo, cinzas: Mal 4:1–3 (ímpios viram palha e cinzas), Sl 37:20 (se desfarão como fumaça), Is 1:28 (aniquilação dos transgressores)”.⁹

O texto de Malaquias 4:1-3 diz:

“Pois certamente vem o dia, ardente como uma fornalha. Todos os arrogantes e todos os malfeitores serão como palha, e aquele dia, que está chegando, ateará fogo neles”, diz o Senhor dos Exércitos. “Nem raiz nem galho algum sobrá.”

Mas para vocês que reverenciam o meu nome, o sol da justiça se levantará trazendo cura em suas asas. E vocês sairão e saltarão como bezerros soltos do curral.

Depois esmagarão os ímpios, que serão como pó sob as solas dos seus pés no dia em que eu agir”, diz o Senhor dos Exércitos”.

- Malaquias 4:1-3

Vários textos do Antigo Testamento falam dos juízos temporais de Deus, como a destruição de Israel por Deus (Sofonias 1:3, 7, 14-15). Segundo o teólogo Brian Godawa “o Antigo Testamento profetiza um “dia do Senhor” para Israel, no qual Deus julgará Jerusalém. Esse “dia do Senhor” é a destruição de Jerusalém por Roma e a Destruição

⁹ Idem nº 1, pg. 3.

do Templo sobre a qual Jesus falou”.¹⁰ Godawa cita Malaquias 4:5 em que Deus diz que enviaria o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR e seu cumprimento em Lucas 1:17: “E irá adiante [João o Batista] do Senhor no espírito e poder de Elias, PARA CONVERTER O CORAÇÃO DOS PAIS AOS FILHOS”.

O teólogo James Patrick Holding cita Malaquias 4:5 dizendo que “certamente, exegetas cristãos veem isto [a profecia de Malaquias 4:5] como uma profecia de João o Batista. Não obstante essa interpretação, esse oráculo aos que retornaram do exílio fala de um dia que “vem... e arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo. Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas; saireis e saltareis como bezerras soltos da estrebaria. Pisareis os perversos, porque se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que preparei, diz o SENHOR dos Exércitos” (4:1-3). Ao que esse ODDS [ou Dia do Senhor] refere-se? Ele refere-se aqui à destruição de Jerusalém em 70 d.C.”.¹¹

Holding continua concluindo:

“O dia do Senhor” é uma frase geral de julgamento que pode descrever o julgamento escatológico final do mundo, mas com maior frequência descreve qualquer dia vindouro de julgamento. Qual “dia” se tem em mente é determinado pelo contexto, não meramente pela frase em si”.¹²

¹⁰ O Dia do Senhor. Brian Godawa. Site: www.monergismo.com Fonte original: Apêndice 1 do There Will Be No Future “End Times”, Rapture, Great Tribulation Or Anti-Christ.

¹¹ Sincronizando “o Dia do Senhor”. James Patrick Holding. Site: www.monergismo.com Fonte original: <http://www.tektonics.org>

¹² Idem nº 11.

Fica claro, então, que os juízos temporais de Deus no Antigo Testamento — quando se usam palavras como 'morte', 'consumo', 'cinzas' ou 'palha' — referem-se apenas a uma destruição temporária. Esses termos não indicam aniquilação total após a morte. Os executados nesses juízos deixam esta existência, mas continuam a existir e ressurgirão para o Juízo Final. Portanto, não se trata de aniquilação completa, uma vez que terão, ainda assim, sua parte no lago de fogo e enxofre.

Moretti cita o Salmo 37:20. Esse Salmo é frequentemente citado por defensores do “aniquilacionismo” — a ideia de que os ímpios serão destruídos completamente e deixarão de existir, em vez de sofrerem eternamente. Vamos analisar o texto, entender por que ele é usado para essa doutrina e como refutá-lo dentro de uma perspectiva tradicional (castigo eterno).

Salmo 37:20 (ARA):¹³

“Mas os ímpios perecerão, e os inimigos do Senhor serão como a gordura dos cordeiros: desaparecerão, em fumaça se desfarão”.

Por que Moretti e os aniquilacionistas usam esse versículo? Eles interpretam termos como:

“perecerão”

“desaparecerão”

“em fumaça se desfarão”

...como evidência de que os ímpios serão “aniquilados” — ou seja, “deixarão de existir” após o Juízo Final, ao invés de sofrerem punição consciente e eterna.

¹³ ARA – Almeida Revista e Atualizada.

Para responder a essa interpretação é preciso analisar contexto poético e temporal. Os Salmos formam um “livro poético”, e o Salmo 37 está tratando do contraste entre “o destino terreno dos justos e dos ímpios”. O foco é mais no que acontece nesta vida do que em uma doutrina escatológica completa.

No próprio contexto, o salmista está dizendo que “os ímpios não prosperarão para sempre”, mesmo que hoje pareçam bem-sucedidos. Isso é reforçado no verso 10:

“Mais um pouco, e já não existirá o ímpio; procurarás o seu lugar e não o acharás”.

Isso não significa que ele foi aniquilado no sentido eterno, mas que deixou de ter influência ou presença visível na terra. Está claro no Salmo essa questão. A linguagem de “desaparecer” e “fumaça” é “metáfora poética” para transitoriedade, não aniquilação ontológica.

Sobre “perecer” ou “deixar de existir”, a palavra hebraica usada aqui para “perecer” é **אָבַד (*avad*), que pode significar:

- Morrer
- Ser destruído
- Ser arruinado
- Perder-se

Não significa, necessariamente, deixar de existir no sentido absoluto, mas sim “ser removido, derrotado, arruinado ou separado da bênção de Deus”. Veja um exemplo bíblico: Em Jonas 1:6, os marinheiros dizem: “Talvez o seu deus pense em nós, para que não pereçamos (*avad*)”. — Eles não estavam falando de aniquilação, mas de “morte física”.

Temos também o exemplo da gordura dos cordeiros” – linguagem sacrificial. A comparação com a “gordura dos cordeiros” que se desfaz em fumaça é uma “imagem do sacrifício” no templo. Quando se queimava a gordura, ela desaparecia da vista — “não significa que deixou de existir”, mas que “foi consumida pelo fogo”.

Isso pode até reforçar a ideia de juízo por fogo, mas não implica na cessação da alma. O fogo consome, mas o Novo Testamento fala de fogo que nunca se apaga (Marcos 9:48, Apocalipse 14:11).

Há também o contraste com o ensino claro do Novo Testamento. Se os versículos do Antigo Testamento ensinassem o Aniquilacionismo, estariam em claro conflito com várias passagens do Novo Testamento que falam de:

Castigo eterno – Mateus 25:46: “irão estes para o castigo eterno...”.

Fogo que nunca se apaga – Marcos 9:43-48.

Tormento dia e noite para todo o sempre – Apocalipse 14:11 e 20:10.

A doutrina bíblica se interpreta por passagens claras, não por textos poéticos e figurativos isolados.

Portanto, o Salmo 37:20 não ensina aniquilação. Ele está usando linguagem poética e metafórica para mostrar que os ímpios não terão sucesso duradouro e acabarão em ruína e julgamento. A ideia de “desaparecer” é “visível ou temporal”, não existencial. A Bíblia como um todo — especialmente o Novo Testamento — ensina que o juízo dos ímpios é consciente, real e eterno, não uma extinção da alma.

Outro texto do Antigo Testamento citado para sustentar a aniquilação dos transgressores é Isaías 1:28:

“Mas os transgressores e os pecadores serão juntamente destruídos; e os que deixarem o Senhor perecerão”.

Este texto, dentro de seu contexto, não está falando do Juízo Final, mas sim de um juízo temporal sobre Israel. O capítulo 1 de Isaías trata da corrupção moral e espiritual de Judá e Jerusalém, e o juízo mencionado se refere à destruição que ocorreu historicamente com a invasão babilônica, por volta de 586 a.C., quando Jerusalém foi tomada e o templo destruído. Portanto, o versículo 28 não pode estar falando de uma aniquilação total dos transgressores, pois, segundo a cronologia bíblica, esses indivíduos continuarão a existir e ressuscitarão para um segundo juízo — o Juízo Final — conforme ensinam as Escrituras.

- 3 -

No Novo Testamento, Jesus e os apóstolos
falam de morte e destruição,
não de tortura interminável?

Moretti continua seu discurso dizendo que “no Novo Testamento, Jesus e os apóstolos falam de morte e destruição, não de tortura interminável”.¹⁴ Ele cita que:

“Matar” e “destruir” o ímpio: Mt 10:28 — Deus pode destruir (apollymi) corpo e alma na Geena.

“Destruir” não é “manter vivo para torturar”.¹⁵

O texto de Mateus 10:28 é bem claro a respeito da sobrevivência da alma após a morte, pois a mesma é tão especial que não pode ser morta por outro ser humano. O máximo que um mortal faz a outro mortal é matar o corpo, mas não consegue atingir a alma.

Como faz Moretti, os defensores da mortalidade da alma argumentam que o uso do termo “perecer” em referência ao destino dos ímpios no inferno indicaria que tanto o corpo quanto a alma podem ser destruídos ou consumidos completamente. A partir dessa perspectiva, concluem que a alma não é inerentemente imortal, mas

¹⁴ Idem nº 1, pg. 3.

¹⁵ Idem nº 1, pg. 3.

pode passar por uma morte definitiva. No entanto, a palavra grega traduzida como “perecer” — *apóllymi* (ἀπόλλυμι) — possui um leque semântico amplo, e seu significado varia conforme o contexto em que é empregada.

Embora possa denotar “destruição” ou “perda”, *apóllymi* também pode significar simplesmente algo que se torna inútil, danificado ou fora de propósito — não necessariamente algo que deixa de existir por completo. Em diversas passagens bíblicas, o termo é utilizado para descrever a condição de algo ou alguém que foi arruinado ou afastado de sua finalidade original, sem implicar aniquilação absoluta.

Assim, a ideia de “perecer” pode ser compreendida como uma perda funcional ou relacional, comparável a um objeto quebrado que já não serve ao seu propósito, mas que continua a existir.

Portanto, quando o ser humano tem seu corpo e alma perecendo no inferno, isso pode ser entendido como um estado de degradação — tornando-se inútil ou corrompido, semelhante a sucata de veículos que já não serve ao seu propósito original. Isso, porém, não implica em aniquilação total ou desaparecimento definitivo.

Só para citar dois exemplos do uso de *apóllymi* (ἀπόλλυμι) que não indicam um perecimento no sentido de deixar de existir, veja três passagens significativas: Lucas 15:4, 6; Lucas 15:8–9; e Mateus 10:6. Em Lucas 15, Jesus conta a parábola da ovelha perdida e da moeda perdida. No primeiro caso, a ovelha que “se perdeu” (*apóllymi*) não deixou de existir — ela apenas se desviou do rebanho, estando fora do lugar apropriado, em perigo, mas ainda viva e presente, tanto que o pastor vai ao seu encontro e a traz de volta. O mesmo se dá com a moeda na casa da mulher: ela foi “perdida” (*apóllymi*), mas continua existindo, apenas fora de uso ou escondida. Quando é encontrada, seu valor é restaurado. Já em Mateus 10:6, Jesus instrui seus discípulos a irem às “ovelhas perdidas da casa de Israel”, referindo-se

ao povo judeu que havia se desviado espiritualmente. Mais uma vez, *apólymi* descreve um estado de alienação ou ruína espiritual, mas não de inexistência. Esses exemplos mostram claramente que o termo pode expressar perda, afastamento ou inutilidade, sem que isso implique aniquilação total.

Apesar do significado claro da palavra *apólymi*, Moretti afirma que “destruir” não é “manter vivo para torturar”,¹⁶ e acrescenta:

“Duas alternativas reais: vida eterna ou perdição (apoleia): Jo 3:16 (“pereça”), Fp 3:19 (“fim é destruição”), 2Ts 1:9 (“destruição eterna” — resultado final definitivo, não um processo sem fim). Salário do pecado = morte (Rm 6:23). Quem insiste em tormento eterno está dizendo, na prática, que o salário do pecado é vida eterna em sofrimento. Isso é contrassenso bíblico”.¹⁷

Curiosamente, o texto de 2ª Tessalonicenses 1:9 não ensina uma “destruição eterna” sem “um processo sem fim” e, também, a Bíblia é clara quando diz que “morte” não significa “aniquilação”. Sobre isso, o teólogo Norman Geisler responde:

“2 TESSALONICENSES 1:9 - O ímpio será totalmente aniquilado ou sofrerá um consciente castigo eterno?”

PROBLEMA: Algumas passagens das Escrituras, tal como essa, dizem que o ímpio será “destruído” por Deus, sofrendo “a segunda morte” (Ap 20:14) ou indo para a “perdição” (2 Pe 3:7). Contudo, em outras passagens o texto fala que os ímpios sofrerão um consciente tormento (por exemplo, Lc 16:22-28). Os que não forem salvos serão aniquilados, ou terão um consciente sofrimento para sempre?

¹⁶ Idem nº 1, pg. 3.

¹⁷ Idem nº 1, pg. 3.

SOLUÇÃO: Nesse versículo "destruição" não significa aniquilação, pois em caso contrário não seria uma destruição "eterna". A aniquilação se dá num instante, e pronto, terminou. Se alguém sofre uma destruição eterna, então tem de ter uma existência eterna também.

Além disso, a "morte" não significa aniquilação, mas separação. Adão e Eva morreram espiritualmente no momento em que pecaram, contudo eles ainda permaneceram existindo e podiam ouvir a voz de Deus (Gn 2:17; cf. 3:10). De igual modo, antes de alguém ser salvo, ele está "morto em seus delitos e pecados" (Ef 2:1), contudo ainda é a imagem de Deus (Gn 1:27; cf. 9:6; Tg 3:9), e é convidado a crer (At 16:31), a arrepender-se (At 17:30) e a ser salvo.

Assim também, quando é dito que o ímpio vai para a "perdição" (2 Pe 3:7) ou quando Judas é chamado de "filho da perdição" (Jo 17:12), isso não significa que eles sejam aniquilados. A palavra "perdição" (apoleia) significa apenas perecer ou ir à ruína. Carros que foram sucitados já pereceram no sentido de terem sido totalmente arruinados, mas ainda são carros, arruinados como estejam, e ainda permanecem no cemitério de veículos. Fazendo um paralelo, Jesus falou do inferno como sendo um cemitério de sucatas ou um campo de lixo, onde o fogo não cessará jamais, e onde o corpo da pessoa ressuscitada não será consumido (veja os comentários de Marcos 9:48).

Finalmente, há várias evidências em favor da consciência eterna do perdido. Primeiro, o rico que morreu e foi para o inferno tinha plena consciência de seu tormento (Lc 16:22-28), e não há indicação alguma no texto de que esse tormento um dia iria terminar.

Segundo, Jesus falou repetidamente que, para as pessoas no inferno, "haverá choro e ranger de dentes" (Mt 8:12; 22:13; 24:51; 25:30), o que indica que elas estarão lá conscientes.

Terceiro, a Bíblia diz que o inferno tem a mesma duração que o céu, ou seja, é "eterno" (Mt 25:41).

Quarto, o fato de o castigo ser eterno indica que as pessoas também são eternas. Não se pode sofrer o castigo, a menos que a pessoa exista, para ser punida (2 Ts 1:9).

Quinto, a besta e o falso profeta serão lançados vivos dentro do lago de fogo quando começar o milênio (Ap 19:20), e ainda estarão lá, conscientes e vivos, depois de mil anos (Ap 20:10).

Sexto, as Escrituras afirmam que o diabo, a besta e o falso profeta "serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos" (Ap 20:10). Mas não há como ser atormentado pelos séculos dos séculos sem estar consciente pelos séculos dos séculos.

Sétimo, Jesus repetidamente referiu-se ao inferno como um lugar onde o fogo não se apaga (Mc 9:48), onde os próprios corpos dos ímpios nunca morrerão (cf. Lc 12:4-5). Mas não faria sentido algum haver chamas eternas, se os corpos não tivessem alma, que é necessária para a pessoa sofrer o tormento.

Oitavo, a mesma palavra usada para o verbo "perecer", a respeito do ímpio, no AT (*abad*) é empregada também a respeito da morte do justo (veja Is 57:1; Mq 7:2). A mesma palavra é usada para descrever coisas que simplesmente tenham sido perdidas, mas depois encontradas (Dt 22:3), o que prova que "perdido" no texto em questão não significa deixar de existir. Assim, se "perecer" significasse "sofrer uma aniquilação total", então o salvo seria aniquilado também. Mas sabemos que isso não acontece.

Nono, seria contra a própria natureza dos seres humanos a sua aniquilação, já que eles são feitos à imagem e semelhança de Deus, o qual é eterno (Gn 1:27). Para Deus, aniquilar a sua imagem no homem seria atacar o reflexo dele mesmo.

Décimo, a aniquilação seria algo que diminuiria tanto o amor de Deus como a natureza do ser humano como uma criatura moralmente livre. Seria como se Deus dissesse ao homem: "Vou permitir que você seja livre somente se você fizer o que eu digo! Senão, acabarei de uma vez com a sua própria liberdade e com a sua existência!" Seria como um pai que dissesse ao filho que queria que ele se tornasse médico e, quando o filho decidisse ser guarda florestal, o pai o matasse!

O sofrimento eterno é um eterno testemunho da liberdade e da dignidade do homem, mesmo daquele que não se arrependeu”.¹⁸

Moretti diz que “quem insiste em tormento eterno está dizendo, na prática, que o salário do pecado é vida eterna em sofrimento. Isso é contrassenso Bíblico”.¹⁹ A Bíblia não diz que o castigo no Inferno seria “vida eterna” em sofrimento, mas podemos deduzir que seja “existência eterna” em sofrimento. Esse chamado “contrassenso” de fato existe. Basta ver que antes de conhecer a Cristo estávamos todos mortos em delitos e pecados (Efésios 2:1-2). Veja o caso do filho pródigo da parábola. Sobre o tempo que ele viveu no pecado o pai disse que “este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado”. E começaram a festejar” (Lucas 15:24). Estar no mundo sem Cristo é estar “morto” e “perdido”. Sendo assim, os ímpios possuem existência, não vida. Todos os que estão sem Cristo no mundo estão mortos espiritualmente, mas muito “vivos” na vida de pecado. Possuem existência mas não possuem vida.

Moretti diz que a “imortalidade não é atributo humano inato; Deus “tem, Ele só, a imortalidade” (1Tm 6:16). O crente reveste-se de imortalidade na ressurreição (1Co 15:53–54). Sem alma naturalmente imortal, não há base para tortura infinita”.²⁰ Depende que de

¹⁸ MANUAL POPULAR de Dúvidas, Enigmas e "Contradições" da Bíblia, pg. 316. Versão digital. Norman Geisler - Thomas Howe. EDITORA MUNDO CRISTÃO - São Paulo.

¹⁹ Idem nº, pg. 4.

²⁰ Idem nº, pg. 4.

imortalidade Moretti está falando. Geralmente, os mortalistas confundem existência eterna com imortalidade. Inato é aquilo que nasce com o indivíduo; é natural, não adquirido. O indivíduo nasce com a existência eterna garantida, pois “tudo o que Deus faz permanecerá para sempre; a isso nada se pode acrescentar, e disso nada se pode tirar” (Eclesiastes 3:14). Mas não nasce com a imortalidade da vida eterna inata em Cristo, pois precisa crer para tê-la.

Na Bíblia, há uma diferença importante entre os termos gregos *bios* e *zōē aiōnios*. *Bios* refere-se à vida física, biológica — a existência terrena. Já *zōē aiōnios*, traduzido como “vida eterna”, é a vida espiritual plena em comunhão com Deus. Ela começa com a fé em Cristo e continua para sempre, mas não se trata apenas de duração infinita — é uma vida com qualidade Divina, incorruptível, vinda do próprio Deus.

É importante distinguir isso da existência eterna no inferno. Embora as almas com seus corpos ressuscitados ali continuem existindo, essa existência não é chamada de “vida eterna” nas Escrituras, pois está separada de Deus, a fonte da vida. A *zōē* implica imortalidade com Deus; fora Dele, há apenas morte eterna, não vida eterna. Assim, vida eterna não é apenas viver para sempre, mas viver para sempre com Deus.

- 4 -

O que é Geena de fato?

Sobre o Geena, Moretti diz que é o “Geena = Vale de Hinom (hebr. Gê Hinnom), lugar histórico de idolatria e massacre (Jr 7:31–32; 19:6). Os profetas o anunciam como vale de cadáveres e vergonha pública. Jesus usa Geena como metáfora de juízo definitivo — ser descartado, ser consumido — não um reino subterrâneo de demônios com tridentes”.²¹ Sinceramente, não sei de onde ele tirou que o Geena possa ser “um reino subterrâneo de demônios com tridentes”. Talvez seja da parte dele um imaginário sobre o Inferno ou mesmo uma forma de desmentir a doutrina.

Moretti acrescenta que “quando Jesus fala de “fogo inextinguível” e “verme que não morre” (Mc 9:43–48), Ele cita Isaías 66:24: verme e fogo consumindo cadáveres à vista — não almas conscientes sendo torturadas”.²² O ensino bíblico não é que almas serão atormentadas sem seus corpos, mas haverá uma ressurreição de injustos onde corpo e alma perecerão no Geena. Moretti também erroneamente interpreta que o fogo “inextinguível” é o “fogo que ninguém apaga até cumprir seu trabalho de consumir. O resultado é irreversível, não o processo interminável”.²³ Mas não é isso o que a Bíblia ensina. A expressão “fogo que não se apaga” aparece várias vezes na Bíblia, especialmente

²¹ Idem nº 1, pg. 4.

²² Idem nº 1, pg. 5.

²³ Idem nº 1, pg. 5.

em contextos de juízo. Um dos exemplos mais conhecidos está em Marcos 9:43. Também aparece no Antigo Testamento. Jeremias 7:20, por exemplo: “...derramarei a minha ira sobre este lugar, [...] e ela arderá, e não se apagará”.

“Não se apaga” vs. “Ninguém apaga”

Essa observação é sutil, mas importante. O “fogo que não se apaga” (voz passiva sem agente) indica que o fogo, por sua natureza ou por decreto Divino, permanece ativo por si só. Não é sobre alguém tentar apagá-lo e falhar — é um fogo inerentemente inextinguível.

Um “fogo que ninguém apaga” (com sujeito implícito: pessoas) traria uma ideia mais centrada na ação humana frustrada — ou seja, que mesmo que alguém tentasse apagar, não conseguiria. Mas o foco aí estaria no fracasso da ação externa, o que não parece ser o ponto central dos textos bíblicos.

A forma como os textos são apresentados, principalmente no original hebraico ou grego, aponta mais para a “permanência” do juízo, não para a resistência a uma tentativa de apagamento. É um “estado contínuo”, não uma disputa. O texto de João 3:36 fala desse estado contínuo, quando diz:

“Quem crê no Filho tem a vida eterna; já quem rejeita o Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele”.

Este versículo mostra claramente que o juízo de Deus sobre o pecador não é momentâneo, mas contínuo. A palavra “permanece” vem do grego μένει (*ménei*), que expressa a ideia de algo que continua, permanece, dura no tempo. Isso contradiz diretamente a ideia de aniquilação, pois se o ímpio deixasse de existir, a ira de Deus não poderia continuar sobre ele. A ira não pode “permanecer” sobre

alguém que foi eliminado da existência. O texto mostra, então, que o pecador que rejeita o Filho continua existindo sob juízo, o que implica consciência e permanência. Além disso, o contraste não é entre existência e inexistência, mas entre “vida eterna” e “ira permanente”. Por isso, João 3:36 se opõe claramente à ideia de aniquilação eterna e afirma a continuidade da existência do ímpio sob o juízo Divino.

- 5 -

“Choro e ranger de dentes”,
“fumaça para sempre”, “fogo eterno”:
leia como os profetas

“Choro e ranger de dentes”

Moretti diz que “choro e ranger de dentes” é linguagem de exclusão e derrota (Mt 8:12; 22:13), não manual de anatomia do além”.²⁴ O problema é que os mortos terão seus corpos ressuscitados, com cabelo, dentes, mãos, pés, narizes etc. A imagem de “choro e ranger de dentes” combina perfeitamente com o estado daqueles que terão corpo e alma perecendo no Geena.

Na época de Jesus, a expressão “choro e ranger de dentes” era uma figura de linguagem muito forte no contexto judaico, usada para descrever um estado de sofrimento extremo. O “choro” representava dor profunda, tristeza e desespero, semelhante às lamentações públicas comuns em momentos de luto ou arrependimento tardio. Já o “ranger de dentes” indicava raiva intensa, ódio, frustração ou agonia diante de algo inevitável. No Antigo Testamento, essa imagem aparece ligada tanto ao desprezo dos ímpios contra os justos quanto à expressão de dor insuportável. Ao unir as duas ideias, Jesus transmitia

²⁴ Idem nº 1, pg. 5.

a noção de uma experiência consciente de angústia e desespero daqueles que seriam excluídos do Reino de Deus, em contraste com a alegria dos que nele entrariam. Assim, para os ouvintes de sua época, “choro e ranger de dentes” significava estar condenado a um sofrimento marcado por lamentação, dor e revolta, uma imagem viva do destino dos que rejeitam a salvação.

Sobre o “choro e ranger de dentes” nos tempos do Novo Testamento, um autor escreveu:

“No versículo 30, diz que esse servo foi para um lugar onde haverá choro e ranger de dentes. Esse termo CHORO E RANGER DE DENTES surgiu de um tipo de experiência vivida nos tempos das cidades do Novo Testamento, pois a maioria dessas grandes cidades tinham enormes muralhas de pedra que as protegiam de invasores e de leões que percorriam a região.

Os moradores da cidade despejavam o lixo por cima dos muros em determinada parte, o que fazia com que pilhas de lixo fossem acumuladas em torno da muralha, muitos animais selvagens como leões e outras feras rodeavam esse lixo a noite em busca de resto de alimentos. Essas enormes pilhas de lixo tornou-se um lugar onde as autoridades colocavam alguns indivíduos que foram acusados de algo para determinar se eles eram inocentes ou culpados daquela acusação. As autoridades iriam amarrar o criminoso suspeito com uma corda e abaixando-o para a base da muralha da cidade durante as horas mais escuras da noite – bem no meio do lixo, onde os leões percorriam todas as noites.

Se eles encontrassem o suspeito vivo na manhã seguinte, ele era considerado inocente de seu crime. Se ele tivesse sido devorado, supunha-se que seria culpado do crime de que foi acusado. Mesmo que a vítima tivesse sido encontrada viva na manhã seguinte, eles eram encontrados à beira da insanidade total, pois passavam a noite

debaixo de muita pressão, experimentando choro e ranger de dentes”.²⁵

Fogo eterno

“De modo semelhante a estes, Sodoma e Gomorra e as cidades em redor se entregaram à imoralidade e a relações sexuais antinaturais. **Estando sob o castigo do fogo eterno, elas servem de exemplo**”.

- Judas 1:7 – o grifo é meu.

O velho e mofo argumento do “fogo eterno” de Sodoma e Gomorra é também usado por Moretti. Ele escreveu:

“Fogo eterno” qualifica o resultado, não chama que queima para sempre: Sodoma sofreu “fogo eterno” (Jd 7), porém não está queimando hoje; o “fogo eterno” produziu destruição exemplar (2Pe 2:6 — “reduzidas a cinzas”).”²⁶

Se levarmos ao pé da letra o caso de Sodoma e Gomorra, o “fogo eterno” que caiu sobre essas cidades não apenas as consumiu, mas também já se apagou há muito tempo — ou seja, não foi eterno. E, seguindo ainda uma leitura literal, os habitantes dessas cidades não foram aniquilados, pois suas almas foram para o Além e ainda não ressuscitaram para o Dia do Juízo Final. Assim, se interpretarmos tudo de forma estritamente literal, podemos dizer que, na destruição dessas duas cidades, seus moradores não foram totalmente consumidos para sempre.

²⁵ Choro e ranger de dentes. Fernando Leal. Site:

<https://verbodavida.org.br/blog/fernando-leal/choro-e-ranger-de-dentes> Acessado dia 02/10/2025

²⁶ Idem nº 1, pg. 5.

No entanto, o ponto central do texto não está na duração do castigo, mas no exemplo que essas cidades representam para aqueles que vivem no pecado: a destruição definitiva.

O “fogo eterno” em Judas 1:7 refere-se ao efeito duradouro (a destruição definitiva), não à duração do fogo em si — como em outras passagens, o foco é no resultado eterno, não no processo. Esse “fogo eterno” descreve o juízo irreversível, não um fogo que nunca se apaga. Afinal, tanto o caso de Sodoma e Gomorra quanto o Dilúvio e outros eventos bíblicos referem-se a juízos temporais, não ao Juízo Final. Todo castigo nesta Terra é temporário e nunca pode ter efeito eterno em duração, pois ainda não entramos na realidade definitiva: a vida eterna ou a morte eterna.

Fumaça para sempre

“Um terceiro anjo os seguiu, dizendo em alta voz: “Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca na testa ou na mão, também beberá do vinho do furor de Deus que foi derramado sem mistura no cálice da sua ira. Será ainda atormentado com enxofre ardente na presença dos santos anjos e do Cordeiro, e a fumaça do tormento de tais pessoas sobe para todo o sempre. Para todos os que adoram a besta e a sua imagem, e para quem recebe a marca do seu nome, não há descanso, dia e noite”.

- Apocalipse 14:9-11

Moretti comenta:

“A fumaça de seu tormento sobe para todo o sempre” (Ap 14:11) ecoa Is 34:10: a fumaça que “sobe perpetuamente” é sinal memorial de uma destruição completa, não uma combustão infinita. Apocalipse é literatura simbólica; confundir sinal com literalidade física é ler mal o gênero”.²⁷

²⁷ Idem nº 1, pg. 6.

O livro do Apocalipse pode ser considerado o mais “bíblico” de toda a Bíblia, pois contém inúmeras referências e alusões ao Antigo Testamento. O apóstolo João, ao registrar sua visão profética, recorre constantemente a imagens e símbolos judaicos já conhecidos das Escrituras. Tanto Jesus quanto os apóstolos fizeram uso desse mesmo estilo, empregando expressões e figuras veterotestamentárias em discursos sobre juízo, seguindo a tradição profética de aplicar tais imagens a julgamentos históricos e temporais — como, por exemplo, a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Os judeus do período apostólico compreendiam bem esse tipo de linguagem simbólica, pois ela representava os severos castigos que recaíam sobre nações ímpias ou desobedientes, sempre no contexto de juízos terrenos, e não de punições eternas.

Entretanto, diferentemente desses juízos temporais do Antigo Testamento — e até mesmo do próprio julgamento histórico ocorrido em Jerusalém —, os ensinamentos e profecias de Jesus ultrapassam as fronteiras desta vida. Tudo quanto Ele disse, seja em parábolas ou em declarações diretas, possui um sentido espiritual profundo, que transcende o tempo e aponta para a eternidade. É notório que o Senhor Jesus frequentemente usava metáforas, alegorias e parábolas para revelar as verdades do Reino de Deus, a natureza humana e o relacionamento entre o Criador e Suas criaturas. Mesmo quando tratava de temas cotidianos, como sementes, vinhas ou tesouros ocultos, Ele nos convidava a enxergar, por trás dessas imagens simples, realidades espirituais que tocam o eterno.

Esse mesmo princípio se aplica às palavras de Cristo sobre a punição eterna. Quando Jesus fala sobre o inferno, Ele não se refere a um castigo meramente simbólico ou passageiro, mas a uma realidade que é, de fato, eterna. Embora o Apocalipse seja uma obra repleta de símbolos, sua mensagem sobre o Juízo Final e o castigo eterno não deve ser interpretada como uma metáfora de um fogo físico

interminável ou de uma “combustão infinita”, mas como a descrição de algo infinitamente mais terrível: a separação absoluta de Deus.

Foi essa experiência — a ausência do Pai — que Cristo provou na cruz ao clamar:

“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

- Mateus 27:46

Nesse momento, Jesus não apenas suportava dores físicas extremas, mas sentia o vazio insondável de estar separado de Deus, algo que homem algum jamais havia experimentado. Ele não estava apenas morrendo de forma cruel; estava “experimentando a morte por todo homem” (Hebreus 2:9), assumindo sobre Si o peso do pecado e da culpa da humanidade. A dor que o Salvador suportou ultrapassa qualquer sofrimento terreno — foi, em essência, o enfrentamento do castigo eterno que seria nosso, para que em nós se cumprisse a vida eterna que é d’Ele.

Não é em vão que em Apocalipse 14:10–11, o termo grego βασανίζω (bazanízō), traduzido por “atormentar”, descreve um sofrimento real e consciente. Originalmente, bazanízō significava “testar um metal com a pedra de toque” (básanos), e com o tempo passou a designar tortura ou angústia intensa. No contexto do Apocalipse, o termo expressa agonia profunda da alma, não apenas dor física.

O texto afirma que os ímpios “serão atormentados com fogo e enxofre, na presença dos santos anjos e do Cordeiro”, o que indica que o inferno não é ausência absoluta de Deus, mas ausência de Sua graça e comunhão — permanecendo apenas Sua justiça.

Assim, o uso de βασανίζω mostra que o sofrimento do inferno é real e eterno, pois a alma e o corpo, criados para a presença Divina, experimenta o desespero de estar para sempre separada de Deus,

ecoando o clamor de Cristo na cruz: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”.

Como bem observou o teólogo Anthony A. Hoekema, em palavras que resumem com profundidade o sentido desta reflexão:

“Encontramos mais evidência para o fato de que a punição do inferno é eterna em Marcos 9.43, onde o fogo do inferno é chamado de “inextinguível” (*to pyr to asbeston*). No versículo 48 do mesmo capítulo são utilizadas as seguintes palavras para descrever o inferno: “onde não lhe morre o verme, nem o fogo se apaga”. Estas palavras são citadas de Isaías 66.24, onde elas aparecem num cenário escatológico. Obviamente, deve-se interpretá-las figurada e não literalmente. O objetivo das figuras, porém, é que o tormento e a angústia internos, simbolizados pelo verme, nunca terão fim e os sofrimentos exteriores, simbolizados pelo fogo, nunca cessarão. **Se as figuras utilizadas nessa passagem não significam sofrimento sem fim, então elas não significarão nada**”.²⁸

- o grifo é meu.

²⁸ A Bíblia e o Futuro, pg. 303. Anthony A. Hoekema © 1989 Editora Cultura Cristã. Versão digital disponível na internet.

- 6 -

E o rico e Lázaro?

Sobre a Parábola do Rico e Lázaro, Moretti escreveu:

“Lc 16 é parábola dirigida aos fariseus amantes de dinheiro (Lc 16:14). Parâmetro: hipérbole e ironia. Transformar parábola em mapa do além é abuso hermenêutico. Nem ali aparece “inferno” como reino de Satã; aparece Hades (estado dos mortos) numa história com símbolos para denunciar injustiça”.²⁹

Até parece que Moretti descobriu o ovo de Colombo! Qual estudante das Escrituras não sabe que essa parábola se refere ao Israel da Antiga Aliança, que perdeu seu privilégio espiritual e posição de destaque para os gentios, simbolizados pelo mendigo Lázaro? É evidente que Jesus utiliza aqui uma imagem do além-túmulo — uma representação do mundo dos mortos, onde uns sofrem a pena do juízo, enquanto outros desfrutam do consolo no Paraíso, junto a Abraão. O “Seio de Abraão” não se refere a um lugar físico, mas a proximidade e comunhão com o patriarca, símbolo da bem-aventurança eterna.

Um detalhe revelador na parábola é a vestimenta do homem rico:

²⁹ Idem nº 1, pg. 6.

“Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo”.

- Lucas 16:19

O uso da púrpura e do linho fino era distintivo do sacerdócio e do serviço no Templo — algo claramente estabelecido na Lei Mosaica (Êxodo 25–28; 35–39) e reiterado em várias passagens históricas e proféticas. Esses detalhes não são acidentais: eles identificam o homem rico com Israel sob a Antiga Aliança, especialmente com seus representantes religiosos — o sumo sacerdote e o Templo. Assim, Jesus descreve, por meio dessa figura, o fim do privilégio sacerdotal de Israel e o julgamento definitivo que se seguiria à rejeição do Messias.

A lição é clara: Israel teve sua oportunidade enquanto Cristo esteve entre eles, mas, uma vez sobreveio o juízo, não haveria retorno. O julgamento é final e irreversível.

Contudo, a parábola também contém lições espirituais universais sobre a natureza humana decaída, dignas de reflexão:

1. O homem tende a ignorar seus deveres e oportunidades de misericórdia nesta vida (vv. 20–21).
2. Após o juízo, o pecador clama por misericórdia, acreditando ainda merecê-la (v. 24).
3. Aprende-se que, depois do julgamento, é tarde demais; Deus não concede mais graça aos ímpios (vv. 25–26).
4. Mesmo no inferno, o pecador continua pensando que outros devem servi-lo (v. 24).
5. Ainda iludido, imagina que os vivos deveriam agir em seu favor (v. 27).
6. Passa então a ter um súbito interesse por evangelizar, quando já é tarde demais (vv. 27–28).
7. Supõe erroneamente que milagres e sinais poderiam converter os corações (v. 30).

8. Por fim, descobre que ignorou a Palavra de Deus que sempre esteve diante de si (vv. 28–30).
9. No fim, até os cães — criaturas desprezadas — mostraram mais misericórdia do que ele (v. 21).

A Parábola do Rico e Lázaro oferece valiosas lições sobre a doutrina do castigo eterno, ainda que, em seu contexto imediato, trate da posição de Israel em relação aos gentios, representados pelo mendigo Lázaro.

É digno de atenção que o tormento do rico não produz arrependimento genuíno. Em vez de clamar a Deus ou de se dirigir humildemente a Lázaro, ele apela diretamente a Abraão, como quem fala de igual para igual — um patrão dirigindo-se a outro. Essa postura reflete a altivez espiritual de Israel, que, mesmo após o juízo Divino, não se humilha diante da graça.

A parábola, portanto, revela o coração endurecido da nação judaica, e a história confirma essa verdade. Mesmo depois da destruição de Jerusalém e da dissolução nacional, os judeus permaneceram sem arrependimento e incrédulos diante da mensagem de Cristo.

O historiador da Igreja Eusébio de Cesareia observou essa cegueira espiritual ao escrever:

“Os judeus não apenas são ousados, mas se recusam a ver o que está claro. De tão cegas e obscurecidas que se tornaram suas mentes, não são capazes de perceber o evidente cumprimento das Sagradas Escrituras”.³⁰

Eusébio usa esse argumento como uma defesa apologética contra a obstinação judaica, demonstrando que a queda de Israel foi consequência direta de sua rejeição ao Messias. E que fique o alerta

³⁰ Eusebius, *Proof of the Gospel*, 2:139, 404.

que a obstinação de qualquer pessoa neste mundo levará para o mesmo caminho, pois “tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, primeiro do judeu e também do grego; glória, porém, e honra, e paz a todo aquele que pratica o bem, primeiro ao judeu e também ao grego” (Romanos 2:9–10).

Quando Moretti diz que “nem ali [na Parábola do Rico e Lázaro] aparece “inferno” como reino de Satã”, fico pensando qual foi seu discipulado cristão para ter um pensamento tão “medieval” assim. Qualquer um que passou por um discipulado básico sabe que o inferno não é o reino de Satã.

- 7 -

“Aionios” (eterno): a pedra no sapato?

Moretti diz:

“Aionios significa, literalmente, “da era (aion) por vir”. Pode apontar para perpetuidade quando o assunto é Deus e a vida que Ele dá; mas, aplicado ao juízo, enfatiza o caráter definitivo/irreversível do veredito. “Kolasis aionios” (Mt 25:46) é punição de caráter eterno — o resultado é eterno (perda da vida), não um processo de tortura infinita. O contraste do texto é vida eterna vs castigo eterno; não vida eterna vs vida eterna em fogo”.³¹

Já vimos que os ímpios possuem apenas existência, e não vida verdadeira. Embora estejam fisicamente vivos, estão mortos espiritualmente. Mesmo os que morrem na carne continuam existindo após a morte do corpo. A palavra “morte”, portanto, não significa “o fim da existência consciente e inteligente”. É possível estar morto espiritualmente em delitos e pecados, e ainda assim estar ativo na prática do mal.

A segunda morte é, portanto, a eterna separação de Deus. Contudo, os aniquilacionistas — como Moretti — afirmam que a punição eterna é, de fato, literalmente eterna, mas no sentido de aniquilação

³¹ Idem nº 1, pg. 7.

definitiva, e não de sofrimento contínuo. Entretanto, tal posição é autocontraditória, pois se os termos originais da Escritura (como *aionios* e *olam*) não significam “eterno” ou “para sempre” quando aplicados ao castigo com sofrimento, então também não poderiam significar “eterno” quando aplicados à aniquilação.

Quando um aniquilacionista lhe disser que o sofrimento dos pecadores não é eterno — mesmo que a Bíblia o afirme —, pergunte-lhe:

“A segunda morte é eterna?”

Ele certamente responderá que sim. Então pergunte novamente:

“Por que o ‘eterno’ do sofrimento não pode ser eterno, mas o ‘eterno’ da segunda morte pode ser tomado literalmente?”

Se o “eterno” deixa de significar eternidade no caso do fogo eterno, então, por coerência, a aniquilação também não poderia ser eterna, mas apenas temporária. E, nesse caso, os pecadores teriam de ressuscitar da segunda morte para uma nova oportunidade de arrependimento.

Em suma: se o eterno não é eterno para o castigo de fogo, não pode ser eterno para a aniquilação. O argumento aniquilacionista, portanto, se desfaz por sua própria lógica.

Outro ponto que o aniquilacionista ignora é a dívida impagável do pecado. A Escritura declara com total clareza:

“Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, primeiro do judeu e também do grego; glória, porém, e honra, e paz a todo aquele que pratica o bem, primeiro ao judeu e também ao grego”.

- Romanos 2:9-10

A Bíblia não promete uma aniquilação total, nem um suposto “descanso eterno” pela simples inexistência, como ensinam os aniquilacionistas. Pelo contrário, ela fala de tribulação e angústia permanentes para todo aquele que permanece em rebelião contra Deus. Não é de admirar que muitos pecadores se sintam atraídos por essa doutrina — ela elimina a consciência de juízo e aplaca o temor do inferno. Assim, os aniquilacionistas acabam fazendo coro com seitas, espíritas e outros movimentos que permanecem à margem da verdade do Evangelho, negando a seriedade da punição eterna e a santidade do Deus ofendido pelo pecado.

A Escritura Sagrada é absolutamente clara ao afirmar que todos pecaram contra Deus, e que a justa consequência do pecado é a morte (Romanos 3:23; 6:23). Contudo, o pecado não é apenas uma falha moral entre criaturas; ele é um ato cometido contra o próprio Deus (Salmo 51:4).

E, sendo Deus um Ser infinito e eterno, toda ofensa contra Ele exige uma punição proporcional à Sua natureza. Assim, a penalidade do pecado — a morte eterna (com angústia e tribulação) — também deve ser infinita e eterna. O castigo descrito nas Escrituras como tribulação e angústia representa justamente essa morte espiritual e eterna, resultado inevitável da rebelião humana.

Jesus confirma essa realidade em Mateus 25:46, onde tanto a vida eterna quanto o castigo eterno aparecem lado a lado, dentro do mesmo contexto. Ou seja, a duração da recompensa dos justos é idêntica à duração da punição dos ímpios — ambas são eternas, porque procedem de um Deus eterno e justo:

“E estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna”.

Diante da insondável grandeza e da infinita santidade de Deus, qualquer pecado cometido contra Ele deveria, por natureza, ser considerado imperdoável. A simples ideia de um pecado imperdoável, portanto, não é absurda, mas plenamente coerente com a justiça de um Deus santo e infinito.

Além disso, a Escritura mostra que toda dívida humana diante de Deus é impagável. Na parábola do credor incompassivo (Mateus 18:23–35), o Senhor Jesus ilustra a imensidão dessa dívida por meio da história de um servo que devia ao rei dez mil talentos, uma quantia incalculável.

Para se ter uma ideia, um talento equivalia a cerca de seis mil denários, e um trabalhador comum recebia um denário por dia (Mateus 20:2,13). Assim, para juntar apenas um talento, um trabalhador precisaria de mil semanas de trabalho. Mesmo que economizasse tudo o que ganhasse durante toda a vida, não conseguiria acumular nem dez talentos, quanto mais dez mil.

Um sátrapa — autoridade de alta renda — que ganhasse cem vezes mais do que um trabalhador comum dificilmente conseguiria juntar mil talentos em toda a vida. Portanto, pagar dez mil talentos era absolutamente impossível.

Para se ter outra medida: todos os impostos anuais de Judéia, Peréia, Samaria e Galiléia somavam cerca de oitocentos talentos. Assim, dez mil talentos equivaleriam à arrecadação de toda a nação por treze anos. Jesus, portanto, mostra nessa parábola que o ser humano está diante de Deus com uma dívida espiritual impagável, que, em termos figurados, exigiria cento e cinquenta mil anos de trabalho diário para ser quitada.

Em outro ensino, o Senhor adverte que aquele que for lançado no inferno de fogo “não sairá de lá enquanto não pagar o último centavo” (Mateus 5:26). Mas, no inferno, a dívida nunca diminui —

ao contrário, ela aumenta continuamente, pois ali o pecador permanece em rebelião e pecado contra Deus.

Por isso, a Escritura afirma claramente a impossibilidade humana de salvação por mérito próprio:

“Mas ninguém pode salvar a si mesmo, nem pagar a Deus o preço da sua vida, pois não há dinheiro que pague a vida de alguém.

Por mais riqueza que uma pessoa tenha, isso não garantirá que ela viva para sempre”.

- Salmo 49:7-9

E também:

“Que adianta alguém ganhar o mundo inteiro, mas perder a vida verdadeira?

Pois não há nada que possa pagar para tê-la de volta”.

- Marcos 8:36-37

Assim, diante da santidade infinita de Deus e da dívida infinita do pecado, o ser humano se encontra totalmente incapaz de se justificar. Apenas a graça e o sacrifício de Cristo podem quitar essa dívida e oferecer o perdão que, de outra forma, seria eternamente impossível.

Por isso, o castigo em sofrimento, como ausência de Deus, tem de ser eterno, sem fim, pois, “separado deste, quem pode comer ou quem pode alegrar-se?” (Eclesiastes 2:25).

Moretti e todos os outros aniquilacionistas estão frontalmente contra às Escrituras Sagradas, quando dizem que o inferno é aniquilação ou é reduzido seu tempo de punição, pois a Escritura diz:

1. “fogo eterno” (Mateus 25.41),
2. “fogo que nunca se apagará” (Mateus 3.12),
3. “vergonha e desprezo eterno” (Daniel 12:2),

4. lugar “onde... o fogo nunca se apaga” (Marcos 9:44-49),
5. “eterna perdição” (2ª Tessalonicenses 1.9),
6. lugar de tormento com “fogo e enxofre” onde “a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre” (Apocalipse 14.10-11)
7. “lago de fogo e enxofre” onde os ímpios “de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre” (Apocalipse 20.10).

Moretti diz que “o contraste do texto é vida eterna vs castigo eterno; não vida eterna vs vida eterna em fogo”. Mas é o contrário, é vida eterna com qualidade versus existência eterna em castigo. É morte ou separação eterna em sofrimento, tribulação e angústia que esse intérprete tenta abreviar.

Não, Moretti — a palavra *aionios* (“eterno”) não é uma pedra no sapato. As palavras gregas não podem ser analisadas isoladamente, fora de seu contexto literário, teológico, cultural e histórico.

Quando estudamos *aionios* e sua equivalente hebraica *olam*, não podemos restringir nossa compreensão apenas a esses termos, como se o significado da eternidade dependesse unicamente deles. Devemos considerar tudo o que Deus revelou nas Escrituras Sagradas sobre a duração do castigo e a realidade do inferno.

Em outras palavras, a doutrina da eternidade do castigo não se apoia em uma palavra isolada, mas em todo o testemunho bíblico, que apresenta o inferno como uma realidade consciente, irreversível e eterna, conforme revelado por um Deus imutável e justo.

Por fim, a “punição dos ímpios no inferno é tão duradoura quanto a felicidade dos justos no céu. O próprio Jesus indica que a punição no inferno é tão eterna quanto a vida no céu (Mateus 25.46). Os ímpios estão sempre sujeitos à fúria e à ira de Deus. Os que estão no inferno reconhecerão a perfeita justiça de Deus (Salmo 76.10). Aqueles que estão no inferno saberão que o seu castigo é justo e que são de fato culpados (Deuteronômio 32.3-5). Sim, o inferno é real.

Sim, o inferno é um lugar de tormento e castigo que dura para sempre, ou seja, não tem fim. Louve a Deus que, por meio de Jesus, podemos escapar deste destino eterno (João 3.16, 18, 36)”.³²

³² Trecho extraído do site <https://www.gotquestions.org/>

- 8 -

A cultura que te enganou? Sobre Dante ser profeta

Moretti passa a citar o famoso Dante, que foi um poeta italiano medieval, autor da *Divina Comédia*. Moretti escreveu:

“A cultura que te enganou: Dante não é profeta

A iconografia do “inferno” veio de Dante, pintores medievais e teatro religioso. Isso contaminou traduções: Sheol/Hades/Geena/Tártaro viraram “inferno”. Daí surgiram sermões de terror psicológico, chantagem emocional e uma imagem de Deus que sustenta sofrimento sem fim em vez de extinguir o mal. Isso não é evangelho; é folclore”.³³

Faz 49 anos que estou no meio cristão, pois nasci num lar que puxa para o lado cristão (católico romano) e depois passei para o lado evangélico. Nunca vi nenhum pregador falar sobre Dante, muito pelo contrário, os ateus costumam acusar que é a Bíblia que fornece material para sustentar a questão do inferno.

De onde os pregadores tiram material para dizer que o Hades é um lugar de tormento? Lucas 16:23-24:

³³ Idem nº 1, pg. 7.

“No Hades, onde estava sendo atormentado... refresque a minha língua, porque estou sofrendo muito neste fogo”.

De onde é tirado que o Geena é de fogo? Marcos 9:43-48:

“...ires para o inferno [geena], para o fogo inextinguível [onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga].

E, se teu pé te faz tropeçar, corta-o; é melhor entrares na vida aleijado do que, tendo os dois pés, seres lançado no inferno [geena] [onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga].

E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois seres lançado no inferno [geena], onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga”.

De onde foi tirado que Sheol carrega ideia de inferno? Provérbios 15:24:

“Para o sábio, o caminho da vida conduz para cima, a fim de evitar o inferno [Sheol] embaixo”.

Salmos 9:17:

“Os ímpios serão lançados no inferno [Sheol]...”

Em Isaías 14:9-11 o Sheol é retratado como um lugar de sombras e humilhação dos mortos.

Concordo que muitos pregadores fizeram “sermões de terror psicológico, chantagem emocional”, mas, todavia, eles tiraram de partes da Bíblia que claramente associa fogo, sofrimento, dor e angústia sem fim. A “imagem de Deus que sustenta sofrimento sem fim em vez de extinguir o mal” encontramos em João 3:36:

“Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, porém, desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”.

Está muito claro que quem rejeitar ou desobedecer a Jesus traz sobre si mesmo a permanência da ira de Deus, a separação eterna de Deus, que o Novo Testamento associa com o inferno. É óbvio que a Fé Cristã cedo ou tarde iria influenciar as artes. O inferno de Dante não saiu da cabeça dele apenas, mas da própria Escritura. É claro que houve distorções em sua escrita da Divina Comédia, que pintores medievais e o teatro religioso possa ter sido influenciado, mas nada disso faz do inferno realmente bíblico um folclore.

Será que Moretti passou por momentos de terror por ter lido a *Divina Comédia* de Dante ao invés de crer no poder consolador do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo?

- 9 -

O retrato bíblico coerente sobre Deus e o Juízo

No nono ponto de sua tese contra o inferno, Moretti passa a mostrar (segundo ele) “o retrato bíblico coerente”³⁴ sobre Deus e o juízo. Vou a seguir responder ponto por ponto desse “retrato coerente” sem muitas citações de versículos por que já foram feitos acima:

“Deus é justo e misericordioso. Ele elimina o mal; não o patrocina eternamente”.

Vários versículos mostram que Deus elimina o mal eternamente sem remover Sua ira permanente conforme descrita em João 3:36. Os versículos são: Salmos 37:9-10; Salmos 92:7; Provérbios 10:25; Romanos 16:20; Apocalipse 20:10, 14; Hebreus 2:14; Isaías 11:9; Isaías 65:17; 2ª Pedro 3:13; Apocalipse 21:4; 1ª Coríntios 15:24-26; Filipenses 2:10-11; Romanos 8:21. O mal permanente será eliminado do Universo, não da separação eterna de Deus.

“Os ímpios perecem; os justos vivem”.

Já vimos que perecer significa “impróprio para uso”, não aniquilação. Os justos usufruem da verdadeira vida, os ímpios apenas possuem existência sofrendo deterioração de alma em sofrimento.

³⁴ Idem nº 1, pg. 8.

“O juízo é real, severo, definitivo — e seu fim é morte/aniquilação, não um parque temático de torturas”.

Morte não é aniquilação, mas separação. Moretti está bem fora da realidade bíblica conforme visto anteriormente. Moretti deve ter lido muito Dante para pensar que o inferno é um parque temático. Um juízo com aniquilação não faz diferença para os ímpios, eles nem temem algo que lhes daria paz desta existência. Isto é fato!

“O “lago de fogo” em Ap 20 é a segunda morte (Ap 20:14). Morte, não vida interminável em dor”.

Mais uma vez, Moretti demonstra desconhecer a Bíblia em termos de existir e não ter vida. Os ímpios existem, mas estão mortos para Deus. Para Deus quem está vivo atualmente são somente aqueles que são Seus filhos através de Jesus Cristo. Não é apenas vida interminável em dor, mas é existência interminável, por que todas as obras de Deus duram eternamente.

Conclusão: dureza necessária

Moretti conclui seu “inferno” imaginário de Dante e antibíblico, dizendo:

“Chamar Sheol, Hades, Geena e Tártaro de “inferno” é preguiça intelectual e traição ao texto. Pregiar “tormento eterno” para humanos é importar filosofia platônica da alma imortal e ignorar a gramática bíblica de vida versus morte.

Portanto: pare de usar um termo não bíblico para sustentar uma doutrina não bíblica. Volte ao vocabulário inspirado. Ensine o que a Escritura diz — destruição dos ímpios, vida eterna aos que creem. É duro? É. Mas é honesto com o texto e coerente com o caráter de Deus”.³⁵

Eu, particularmente, gostaria que a palavra “inferno” não existisse na Bíblia; contudo, isso em nada altera a verdade de que Sheol, Hades e Geena estão vinculados ao “fogo inextinguível”, ao “sofrimento”, ao “tormento” e ao “fogo eterno”. O texto de Moretti revela que ele se posiciona **FRONTALMENTE** contra o texto bíblico. Em outras palavras, não somos nós que pregamos o “tormento eterno” por vontade própria ou por invenção humana — é porque está exatamente assim escrito nas Escrituras. Basta o leitor ler as referências aqui citadas. Nesse caso, os ateus seriam mais honestos do que Moretti quando dizem que a Bíblia é culpada por fornecer conteúdo sobre o castigo eterno. Moretti diz coisas negando

³⁵ Idem nº 1, pg. 8.

FRONTALMENTE o texto bíblico, enquanto esse mesmo texto diz outras coisas.

Essa velha e mofa ideia de “importar filosofia platônica da alma imortal e ignorar a gramática bíblica de vida versus morte” é muito comuns em grupos como Testemunhas de Jeová e adventistas do Sétimo Dia, os quais dizem que o inferno e a imortalidade da alma seriam de origem pagã.

No entanto, essa alegação representa uma tentativa de desviar-se do claro ensino das Escrituras. Se o inferno de fogo eterno fosse realmente uma ideia puramente derivada do paganismo, então outras doutrinas centrais da Bíblia — como a criação, o dilúvio e diversas outras verdades fundamentais — também teriam de ser questionadas, pois muitos de seus elementos possuem paralelos em culturas antigas.

A Bíblia, contudo, pela sua autoridade divina, declara que ensinamentos como o do inferno são revelações diretas de Deus, e não adaptações ou imitações de crenças pagãs. A doutrina do castigo eterno é, portanto, uma consequência necessária da justiça Divina, plenamente coerente com os ensinamentos de Jesus acerca do Juízo Final e das consequências da rejeição a Deus.

Assim, aqueles que se opõem a essa doutrina precisam confrontar não apenas as evidências bíblicas, mas também os próprios princípios da justiça Divina, revelados de forma constante e inequívoca em toda a Escritura.

O fato de existirem paralelos entre certas crenças pagãs e a doutrina do inferno não elimina essa verdade bíblica, desde que ela seja confirmada e não rejeitada pelas próprias Escrituras. A Bíblia ensina, de maneira clara, a realidade de um castigo pós-morte e a continuidade da alma após a morte do corpo.

Costuma-se chamar isso de “imortalidade da alma”, mas, em rigor teológico, prefiro falar em existência da alma fora do corpo, pois o termo “imortalidade” aplica-se de modo pleno apenas ao corpo ressurreto, quando a redenção será completa e a morte, definitivamente vencida.

Sim, Moretti! Será bom deixarmos de usar o termo “inferno”, já que ele não é propriamente bíblico. No entanto, podemos empregar Sheol, Hades e Geena para sustentar a doutrina bíblica do sofrimento eterno. Mudará apenas o termo, mas a verdade essencial permanecerá a mesma.

Ao retornarmos ao vocabulário inspirado, poderemos reforçar ainda mais a doutrina do sofrimento eterno. Sim, Moretti, devemos ensinar exatamente o que as Escrituras afirmam: a destruição dos ímpios em sofrimento eterno e a vida eterna aos que creem em Jesus.

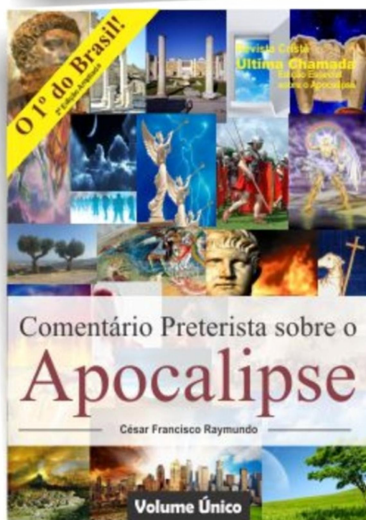
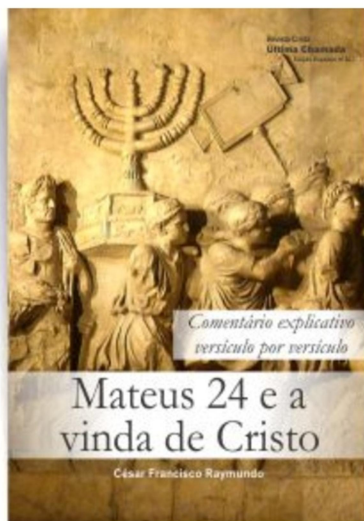
Não é “duro”, como você costuma dizer, Moretti. Duro é negar **FRONTALMENTE** a Bíblia, como você tem feito. Eu entendo que, para você, seja difícil ser “honesto com o texto e coerente com o caráter de Deus”, mas é isso que a Palavra de Deus exige.

E lembre-se, Moretti: ensinar erroneamente uma doutrina tão séria quanto a do tormento eterno é pecado. Arrependa-se!

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?